

# TENSÕES FAMILIARES E DISPUTAS DE PODER: ARQUEOGENELOGIA E A ANÁLISE DE DOIS IRMÃOS

*FAMILY TENSIONS  
AND POWER STRUGGLES: ARCHAEO-  
GENEALOGY AND  
THE ANALYSIS OF  
DOIS IRMÃOS*

Paula Cristian de Oliveira da Silva.<sup>1</sup>  
Eulisson Nogueira de Sousa<sup>2</sup>

---

1 Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG); Licenciada em Letras/Literatura pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Especialização em Gramática e Ensino: teoria gramatical e abordagens contemporâneas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ORCID 0009-0009-8362-6124; oliveirapaula473@gmail.com

2Doutorando pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL - UNEMAT), sob orientação da Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil, Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia e graduado em Letras Português e Literatura pela mesma universidade. Contato: eulisson.nogueira@unemat.br

## **RESUMO:**

O romance *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, oferece uma reflexão sobre as complexas dinâmicas familiares e sociais que permeiam a vida dos irmãos gêmeos, Omar e Yaqub, e de Zana, mãe dos meninos. Ambientado em Manaus, a obra explora os conflitos e as tensões dentro do espaço familiar, refletindo a maneira como as relações de poder e afeto influenciam a formação das subjetividades dos personagens. Com isso, o objetivo deste artigo é problematizar as relações de poder que emergem nos discursos dos personagens do romance *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, com foco na relação entre Zana e seus filhos gêmeos, Omar e Yaqub. Metodologicamente, o artigo está alinhado à vertente franco-brasileira, mais especificamente, baseado nas obras de Foucault, com a ferramenta teórico-metodológica arqueogenética. Como resultado, foi possível compreender que as relações de poder no núcleo familiar influenciam as identidades dos filhos, com destaque para o favorecimento de Omar e o silenciamento de Yaqub. A pesquisa revelou que as escolhas de Zana, embora fundamentadas em afetos familiares, refletem e perpetuam normas e valores que determinam quem é reconhecido, valorizado e silenciado dentro da estrutura familiar, funcionando como um dispositivo de poder que impacta profundamente as subjetividades dos personagens.

**Palavras-chave:** Poder. Silenciamentos Discursivos. Arqueogenética. Foucault.

## **ABSTRACT:**

The novel *Dois Irmãos* (2006) by Milton Hatoum offers a reflection on the complex family and social dynamics that permeate the lives of twin brothers Omar and Yaqub, as well as their mother, Zana. Set in Manaus, the novel explores the conflicts and tensions within the family space, reflecting on how power and affection shape the characters' subjectivities. Thus, the objective of this article is to problematize the power relations that emerge in the characters' discourse in *Dois Irmãos* (2006) by Milton Hatoum, focusing on the relationship between Zana and her twin sons, Omar and Yaqub. Methodologically, the article aligns with the Franco-Brazilian approach, specifically based on Foucault's works, employing the archaeogenetic theoretical-methodological tool. As a result, it was possible to understand how power relations within the family nucleus influence the sons' identities, highlighting the favoritism toward Omar and the silencing of Yaqub. The research revealed that Zana's choices, although

grounded in family affections, reflect and perpetuate norms and values that determine who is recognized, valued, and silenced within the family structure, functioning as a power device that profoundly impacts the characters' subjectivities.

**Keywords:** Power. Silencing. Archeogenealogy. Foucault.

## 1 Introdução

Este artigo nasce de uma curiosidade dos autores dele que, ao discutirem sobre a obra de Milton Hatoum, perceberam diversas possibilidades que ainda precisam ser exploradas, pois a riqueza das obras do autor citado é inesgotável. Ele, escritor manauara, filho de imigrantes libaneses, que começou a escrever em um período de grande efervescência cultural e social no Brasil, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, quando a literatura brasileira estava se diversificando e explorando novas vozes e narrativas, projeta a cultura e cosmogonia amazônica para o mundo e demarca território, junto com outros autores, tais como: Dalcídio Jurandir, Márcio Souza, Edy Augusto, Daniel da Rocha Leite, Nicodemos Sena, de uma literatura de expressão amazônica.

De acordo com Cunha (2017), a obra *Dois Irmãos* (2006) foi publicada por Milton Hatoum oito anos depois da publicação de *Relatos de um Certo Oriente* (1989), rompendo um silêncio entre a obra de estreia, que rendera premiações importantes e o novo romance que tomaria um espaço privilegiado na cena literária brasileira. Essa diferença temporal entre as publicações sugere um período de amadurecimento e reflexão por parte do autor, o que lhe permitiu desenvolver uma narrativa mais complexa, rica em temas e personagens — como ele mesmo antecipa em entrevista concedida a Júlio Daio Borges, no jornal *Digestivo*

*Cultural*, ao comentar seu processo de escrita, especialmente entre o primeiro e o segundo romance, bem como a recepção crítica de suas obras. Nas palavras de Hatoum (2006, s.p.): “a autoexigência aumentou e eu não gostei de nada do que escrevi depois do *Relato*”. Dessa forma, ao refletir sua autoexigência, o autor afirma que a maturidade e o tempo são fundamentais para quem lê e escreve. A obra *Dois Irmãos* (2006) é considerada uma das mais importantes de Hatoum, consolidando sua posição na literatura brasileira contemporânea e explorando questões profundas sobre identidade, memória e relações familiares.

Além disso, a construção da narrativa de *Dois Irmãos* revela uma intensa intertextualidade, como postulado por Bakhtin (1981), ao entrelaçar diferentes vozes e discursos, desde as memórias familiares até os relatos históricos do Brasil e as tradições da cultura libanesa. Essa polifonia narrativa contribui para a complexidade da obra, que reflete as múltiplas camadas de significado presentes nas relações humanas, assim como Foucault (1979) analisa as complexas relações de poder e de silenciamento que permeiam tanto as dinâmicas familiares quanto os contextos sociais mais amplos.

Souza (1982) menciona que a obra em questão é ambientada em Manaus, cuja narrativa expõe tensões relacionadas à identidade, ao pertencimento e à memória, oferecendo uma perspectiva crítica sobre um Brasil marcado pela desigualdade e pela pluralidade cultural. Por meio da história dos irmãos Omar e Yaquib e de suas relações com outros membros da família, o autor construiu um espaço narrativo no qual os discursos revelam tanto conflitos interpessoais quanto as marcas de processos históricos de exclusão e marginalização.

Embora a literatura sobre *Dois Irmãos* (2006) comente

amplamente sobre as questões de identidade e memória, ainda há espaço para aprofundar a análise das práticas discursivas que estruturam as relações de poder, os silenciamentos discursivos e as legitimações na narrativa. Nesse sentido, observa-se que um aspecto particularmente rico e ainda pouco explorado é a relação entre o exercício do poder e os discursos que moldam as subjetividades dos personagens, sobretudo no que se refere ao papel do narrador como mediador de memórias e das tensões entre verdade e esquecimento.

Diante disso, este artigo tem como objetivo problematizar as relações de poder que emergem nos discursos dos personagens de *Dois Irmãos* (2006), com foco na relação em que a mãe, Zana, tem com os filhos gêmeos Omar e Yaqub, evidenciando as relações de poder no núcleo familiar, bem como o silenciamento discursivo e a (re)construção das subjetividades dos gêmeos. Dessa forma, a questão norteadora que guia esta análise é: *Como as práticas discursivas na relação entre a mãe e os irmãos revelam o exercício do poder e a construção de subjetividades no contexto narrativo da obra?*

A delimitação da obra *Dois irmãos* (2006), neste artigo, justifica-se pela riqueza e complexidade do livro, que aborda uma variedade de temas, como a rivalidade fraternal, a busca por identidade, a intersecção cultural e a dualidade entre a Manaus real e a imaginária. Considerando essa multiplicidade de camadas e significados, torna-se essencial proceder a uma análise cuidadosa e focada, a fim de permitir aos leitores a compreensão das nuances das relações entre os personagens e o contexto social e histórico em que estão inseridos, não tendo como ser explorado em apenas um artigo. Por isso, conforme mencionado anteriormente, este artigo tem como recorte a

relação da mãe Zana com os filhos gêmeos.

Para isso, a análise será fundamentada na abordagem da Análise do Discurso (AD) de vertente franco-brasileira, mais especificamente com as ferramentas foucaultianas, a saber: arquegenealogia<sup>3</sup>, com ênfase nas noções de poder e de silenciamento discursivo. Essa abordagem combina duas ferramentas<sup>4</sup> complementares: a arqueologia e a genealogia, que juntas permitem investigar as condições históricas e as relações de poder que estruturam e contestam discursos específicos (Fymiar, 2009).

A arqueologia se concentra na análise das condições históricas de emergência dos discursos, buscando entender como determinados discursos surgem em contextos sociopolíticos e culturais específicos (Fymiar, 2009). Por sua vez, a genealogia investiga as práticas discursivas e as relações de poder que sustentam ou contestam esses discursos. Ela busca revelar como certos discursos se consolidam ao longo do tempo, como se institucionalizam, e como as práticas discursivas que os sustentam podem ser desafiadas (Fymiar, 2009).

3 A arqueogenealogia é um neologismo que combina as ferramentas foucaultianas “arqueologia” e “genealogia” e foi articulado para descrever um método de análise que vai além da mera investigação das condições históricas de emergência dos discursos, incorporando também a análise das relações de poder que dão forma e legitimidade a esses discursos. Essa abordagem permite explorar como os discursos se institucionalizam ao longo do tempo e as práticas que os sustentam ou contestam, oferecendo uma compreensão mais complexa dos fenômenos sociais e das dinâmicas de poder que moldam as subjetividades.

4 Foucault em usar o termo ferramenta ao invés de método está relacionada a sua abordagem crítica em relação às concepções tradicionais de metodologia, que tendem a ser rigidamente definidas e formais. Para Foucault (1969), ferramentas podem ser vistas como instrumentos flexíveis que permitem a pesquisa e a análise, possibilitando a adaptação a diferentes contextos e questões, ao invés de serem vistas como um conjunto fixo de procedimentos a serem seguidos. Ao descrever suas práticas analíticas usando o conceito de ferramenta, Foucault enfatiza a ideia de que o conhecimento e a investigação são processos dinâmicos e em constante evolução. As ferramentas que ele propõe são maneiras de ver, entender e explorar fenômenos sociais e históricos, que podem ser ajustadas e reinterpretadas conforme necessário. Essa visão desconsidera o modelo cartesiano tradicional de um “método” como um guia prescritivo e absoluto, favorecendo uma abordagem mais prática e adaptativa que se comunica melhor com suas ideias sobre a subjetivação e a construção do saber (Veiga-Neto, 2009).

Assim, passa-se da arqueologia do saber e da genealogia para uma arqueogenealogia do saber-poder, enfatizando como práticas discursivas são ligadas a estratégias de governamentalidade e normalização social (Neves e Gregolin, 2021). É importante ressaltar que a transição da abordagem arqueológica e genealógica para a arqueogenealogia na obra de Michel Foucault ocorre a partir do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, com sua aula inaugural no *Collège de France* em 1970, na qual ele introduz a ideia de que a análise deve considerar as práticas que controlam a produção e circulação de discursos. O termo “arqueogenealogia” foi utilizado pela primeira vez na literatura em 1993, mas não diretamente por Foucault.

Dessa forma, as ferramentas foucaultianas podem ser aplicadas à narrativa de “Dois Irmãos” (2006) para compreender o contexto histórico e cultural de Manaus, que permeia a trama familiar de Yaqub e Omar. Assim, a arqueologia pode ser aplicada para entender o contexto histórico e cultural de Manaus, no qual se insere a respectiva trama. As relações entre os irmãos não podem ser compreendidas sem considerar o contexto mais amplo, incluindo as questões sociais, étnicas e culturais que envolvem a região e as famílias retratadas na obra. Já a genealogia, na obra em questão, permite investigar como essas práticas discursivas sustentam a hierarquia familiar, transformando as escolhas e as vozes de Omar e Yaqub em reflexos de relações de poder e normas familiares preexistentes.

Para Foucault (2014), o poder não é uma entidade fixa ou localizada, mas uma rede de relações que atravessa toda a sociedade. Ele não se limita a instituições como o Estado ou a família, porém circula de forma capilar, produzindo saberes, normas e subjetividades. O poder, portanto, não é algo que se

possui, mas algo que se exerce. Não se trata de um privilégio adquirido ou mantido, mas de um conjunto de ações sobre as ações possíveis, que incitam, induzem, desviam, facilitam ou dificultam, ampliam ou limitam, tornando as ações mais ou menos prováveis. Assim, o poder não se resume à repressão, mas também à produção de realidades e discursos, determinando o que pode ser dito, por quem e sob quais condições (Foucault, 2014).

Em suas palavras, “o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa apenas como a força que diz não, mas que, de fato, ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber e produz discurso” (Foucault, 1979, p. 8). Esse caráter produtivo do poder está diretamente relacionado ao conceito de silenciamento discursivo, no qual algumas vozes são apagadas ou marginalizadas dentro dos regimes de verdade. Em *A Ordem do Discurso*, Foucault aponta que existem mecanismos que regulam o que pode ser dito e ouvido, embora o autor não utilize diretamente o termo silenciamento discursivo. Segundo ele, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual, e pelo que, se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1970, p. 10).

Essa dinâmica de poder e esse silenciamento discursivo sobre a formação de subjetividades e a construção de realidades sociais. O controle do que é dito e quem tem a permissão para dizer define as fronteiras entre o que é considerado válido e legítimo, em um movimento constante de resistência e conformidade dentro dos sistemas de poder.

Destarte, este trabalho propõe-se a examinar um conjunto específico de enunciados relacionados aos episódios de conflito

entre Omar e Yaqub, observando como as relações de poder são mediadas pelo discurso e como as memórias são construídas ou negadas pela narrativa. Assim, busca-se contribuir para uma compreensão mais aprofundada do papel do discurso literário na produção de sentidos sobre identidade e exclusão no Brasil contemporâneo.

## 2 Breve história do livro *Dois Irmãos* de Milton Hatoum

Esta subseção foi reservada para apresentar o enredo do livro de forma breve, já que o artigo é um gênero textual que, embora seja reconhecido por ter publicações com robustez na área da pesquisa, não se tem espaço para discussões longas. Assim, a obra *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, narra a história de Yaqub e Omar, gêmeos que crescem em Manaus, em uma família de imigrantes libaneses. A narrativa é contada por Nael, narrador-personagem, que, em busca de sua própria história, acaba por desnudar a das demais personagens, cada uma compondo uma peça neste mosaico de memórias.

Eu tinha começado a reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e a anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer (Hatoum, 2006, p.197).

A trama se inicia com Zana, a mãe dos gêmeos, que recorda sua vida e a relação conturbada entre os filhos. “Meus filhos já fizeram as pazes?” A pergunta que circundou o leito de morte da mulher forte e detentora dos destinos, daquela nem mesmo a

vontade de seu marido se dobrava. Zana era a força dominante entre o marido, os filhos, a empregada e o bastardo.

Halim, que não queria filhos – “se dependesse da vontade dele, não teria nenhum” -, se viu diante do nascimento de Yaqub e Omar, meninos que, desde o ventre materno, se mostraram diferentes. Yaqub nasceu primeiro. Era o irmão mais introspectivo e sensível, frequentemente ofuscado pela personalidade ousada e aventureira de Omar, caçula, o filho preferido de Zana. Uma dinâmica familiar marcada por conflitos, ciúmes, rivalidades e a busca por aprovação, especialmente da mãe.

Ainda na adolescência, um violento incidente será o divisor de águas entre os irmãos. A paixão de ambos por Lívia, filha dos Reinoso, resulta em uma cicatriz no rosto de Yaqub e em sua partida para o Líbano. Zana e Halim acreditavam que, separando os gêmeos, os conflitos cessariam e a paz seria selada entre os irmãos. Quando Yaqub retorna a Manaus, a rivalidade entre os irmãos se intensifica, as memórias da infância e da adolescência, o golpe fatal, a cicatriz, a dor, refletindo as tensões não resolvidas no passado. A narrativa explora temas como identidade, memória, amor e a influência do passado nas relações presentes, a memória.

Rico em intertextualidade, o romance inclui referências à Bíblia, à literatura brasileira e arábica, o mote dos irmãos gêmeos de personalidades diferentes pode ser visto na narrativa de Esaú e Jacó, tanto bíblico, quanto machadiano. No entanto, em *Dois Irmãos* (2006), o que chama atenção é a relação das personagens com a espacialidade, o lugar em que estes sujeitos fictícios vivem sua história. A Manaus do século XX é apresentada como uma cidade cosmopolita e em transformação no coração da

floresta Amazônica. Com seus caboclos, indígenas, ribeirinhos e imigrantes, serve como pano de fundo para as experiências das personagens. A obra culmina em uma reflexão sobre a impossibilidade de reconciliação entre os irmãos, mesmo após a morte dos pais, simbolizando a continuidade da rivalidade e das feridas emocionais e a impossibilidade da reconciliação entre o homem e a natureza que ele mesmo destrói em nome do progresso.

### **3 Zana: a fianneira dos destinos**

A relação de poder entre Zana, a matriarca, e Yaquib, o filho que é frequentemente silenciado, é uma das dinâmicas centrais em *Dois Irmãos* (2006). Zana exerce uma influência significativa sobre todos aos seu redor, o marido, os filhos, a empregada e o neto bastardo, domina especialmente Omar que “cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio” (Hatoum, p.50, 2006), pois era o preferido, o que representa sua visão de sucesso e bravura. Essa preferência cria um ambiente de rivalidade e ciúmes, onde Yaquib se sente constantemente à sombra do irmão.

Zana orgulhava-se do filho doutor, mas na conversa com as vizinhas venerava Omar. Punha os gêmeos numa gangorra e fazia loas ao caçula, elogiando-o até a cegueira. Mas Zana não era cega. Via muito, por todos os ângulos, de perto e de longe, de frente e de viés, por cima e por baixo, e sua visão continha uma sabedoria. Só que Zana era possuída por um ciúme excessivo (Hatoum,2006, p.95).

Yaquib, sendo mais introspectivo e sensível, é muitas vezes silenciado não apenas pela figura dominante da mãe, mas também pela própria dinâmica familiar que valoriza a ousadia

e a agressividade de Omar. Zana, ao favorecer Omar, reforça a ideia de que ele é o “filho ideal”, enquanto Yaqub é relegado a um papel de invisibilidade e submissão. Essa dinâmica é exacerbada por momentos de violência e conflito, como o incidente que resulta na cicatriz de Yaqub, que simboliza tanto a ferida física, quanto a dor emocional de ser constantemente desvalorizado e ignorado. A cicatriz que resultou na separação.

A relação de poder de Zana sobre Yaqub reflete uma estrutura familiar patriarcal, pois, embora aparentemente submissa ao marido Halim, Zana, a mãe, exerce controle sobre os filhos. Essa situação gera um ciclo de ressentimento e frustração em Yaqub, que busca reconhecimento e amor, mas se vê incapaz de se afirmar em um ambiente que privilegia a força e a assertividade de Omar. Desde muito cedo, Zana exerce esse papel de força, de autoridade.

Zana não escutava nem vaias nem conselhos; escutava sua própria voz recitar gazais de Abbas. (...) Tempos depois, entendi por que Zana deixava Halim falar sobre qualquer assunto. Ela esperava, a cabeça meio inclinada, o rosto sereno, e então falava, dona de si, uma só vez, palavras em cascatas, com a confiança de uma cartomante. Foi assim desde dos quinze anos. Era possuída por uma teimosia silenciosa, maturada, uma insistência em fogo brando depois armada por uma convicção poderosa, golpeava ferinamente e decidia tudo, deixando o outro estatelado (Hatoum, 2006, p.40).

O romance, portanto, explora como essa dinâmica de poder, advinda da mãe, afeta a formação da identidade de Yaqub e suas relações interpessoais, levando a um sentimento de alienação e solidão. Até mesmo após a violência de Omar contra Yaqub, “ele chutava e esmurrava o irmão, xingando-o de traidor,

de covarde” (Hatoum, p.175, 2006), a culpa por todo infortúnio recaia sobre Yaqub, acusado de traição e de ignorar o filho que se queria perfeito. Dizia Zana: “Yaqub se reuniu com aquele indiano, fez tudo escondido, ignorou meu caçula, estragou tudo” (Hatoum, p.175, 2006). Meu caçula, expressão nunca dita ao filho primogênito, expressão de carinho. Esse comportamento de Zana se explica pela projeção que a mãe faz do filho quanto por sua dependência emocional. Segundo Cíntia Schwantes,

[...] a figura da mãe é potencialmente criadora, mas também pode se atualizar como destruidora, com poder igual ao da criação. As mães dominadoras são potencialmente danosas aos seus filhos, seja por rejeitá-los ao falhar em aceitá-los como são, seja ao não amá-los excessivamente: nesse caso o corpo da mãe torna-se a caverna aprisionante da qual não se consegue sair (Schwantes, 2007, p.87).

Toda narrativa perpassa Zana, a matriarca, mãe, esposa, amante, patroa, que detém em seus fios, como uma tecelã dos destinos, a vida de todos a sua volta. Uma Moira, responsável pelos mistérios que circundam a vida. O duelo entre os filhos rompe a eternidade, a morte de Zana marca o início de todos os questionamentos: “meus filhos já fizeram as pazes?” (Hatoum, 2006, p.10).

#### **4 Aporte teórico**

De acordo com Michel Foucault (1971), os regimes de verdade referem-se às construções discursivas que determinam o que é aceito como verdadeiro em um dado contexto histórico, legitimando práticas de poder. Ou seja, a verdade não é universal

nem estável, mas sim um constructo discursivo produzido e mantido por relações de poder em contextos históricos. Nesse sentido, em *A Ordem do Discurso*, Foucault (1971) argumenta que o discurso não é apenas um meio de comunicação, mas ainda um instrumento de poder e controle. Os discursos constituem “regimes de verdade”, isto é, sistemas nos quais determinadas afirmações são legitimadas como verdadeiras, enquanto outras são desqualificadas ou silenciadas. Esses regimes não são neutros; eles operam para sustentar relações de poder, criando sujeitos que são reconhecidos dentro das normas discursivas e marginalizando aqueles que escapam a essas normas.

Assim, quando certas vozes são suprimidas, impossibilitadas de serem ouvidas, reconhecidas ou legitimadas, elas são silenciadas discursivamente. Esses silenciamentos, conforme Brandão (2006), são práticas por meio das quais identidades, histórias e vozes são marginalizadas e invisibilizadas. Nesse sentido, o poder não é apenas uma força repressiva, como também constitutiva: ele forma sujeitos, institui verdades e delimita os campos do que pode ser dito, pensado e vivido, estabelecendo fronteiras entre o que é reconhecido e o que é silenciado nas relações sociais.

No nível interpessoal, o conflito entre os irmãos pode ser entendido como uma microexpressão do biopoder, em que as relações familiares e os discursos que nelas circulam e regulam as identidades e os comportamentos. O silenciamento de Yaquib é um exemplo claro de como o micropoder de Zana, exercido por meio de suas palavras e escolhas, restringe a liberdade de expressão de Yaquib e coloca-o em uma posição subalterna. Da mesma forma que em outros contextos de poder, a imposição de

um regime de verdade familiar sobre o que é aceitável, ou não, cria um sistema de controle que afeta diretamente as subjetividades dos indivíduos envolvidos.

Quanto ao nível social, a dinâmica de poder descrita no relacionamento entre os irmãos também se conecta com as exclusões culturais e históricas, como é o caso de *Dois Irmãos* (2006), em que as questões de imigração e a marginalização de culturas não hegemônicas são evidentes. Yaquib, identificado como o “outro”, o diferente, acaba sendo silenciado não apenas dentro de sua família, como também em uma sociedade que valoriza normas específicas de comportamento e pertencimento. Esse silenciamento revela uma exclusão mais ampla, em que indivíduos ou grupos que não se alinham com as expectativas e os discursos dominantes acabam invisibilizados, reforçando a marginalização e a invisibilidade de suas identidades.

Nesse sentido, a relação de poder entre os irmãos, na qual um está em posição de dominação e o outro, de subordinação, espelha as lutas de poder mais amplas que ocorrem em diferentes contextos sociais, como a marginalização cultural e histórica de certas populações. Yaquib, ao ser silenciado, também sofre um apagamento de sua identidade, enquanto Omar, por ser o favorito, constrói sua subjetividade com base no discurso da mãe que o enaltece e o torna central.

Em *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, essa noção se revela no discurso de Zana, que constantemente reafirma a superioridade de Omar sobre Yaquib, estabelecendo um regime de verdade familiar que reforça a exclusão e o silenciamento deste último. Além disso, a prática de silenciamento, outro conceito foucaultiano, é fundamental para compreender como

Yaqub é marginalizado tanto no âmbito familiar quanto no social. Utilizando a arqueogenetologia como método, busca-se analisar os discursos que sustentam esse conflito fraternal e suas condições de produção no contexto narrativo

Já o silenciamento, na obra *Dois Irmãos* (2006), manifesta-se de maneira profunda nas relações entre irmãos, Yaqub e Omar, particularmente pela figura da mãe, Zana. Ela exerce um poder discursivo que legitima a centralidade de Omar, marginalizando Yaqub e tornando sua voz e seus sentimentos quase inexistentes dentro da narrativa familiar. O silenciamento de Yaqub é, portanto, uma estratégia que reforça um regime de verdade em que o discurso da mãe (e, por extensão, o discurso social e familiar) legitima e favorece a figura do filho “ideal”, enquanto anula as experiências e os desejos de seu irmão, relegando-o à condição de invisível.

Destarte, essa dinâmica é evidente na forma como os discursos familiares constroem verdades sobre os irmãos Yaqub e Omar. A figura de Zana, a mãe, é central na reprodução desses regimes: seus discursos e suas atitudes reforçam a ideia de Omar como o filho preferido, carismático e emocionalmente próximo, enquanto Yaqub é silenciado, relegado ao papel de estrangeiro, distante e exilado, mesmo no âmbito familiar. Esses discursos criam uma “verdade” dentro da família que legitima as práticas de exclusão de Yaqub, sustentando uma hierarquia entre os irmãos.

## 5 Metodologia

Neste artigo utiliza-se a análise do discurso de vertente franco-brasileira, fundamentada nos pressupostos teórico-

metodológicos de Michel Foucault. A análise discute as condições de produção e funcionamento dos discursos presentes no romance *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, com foco nas relações de poder e nos mecanismos de silenciamento (Foucault 1970) observados na narrativa, em especial no conflito fraternal entre Yaquib e Omar.

Adota-se a arqueogenealogia foucaultiana, pois ela permite investigar os regimes de verdade que sustentam a construção de sentidos e as práticas discursivas que excluem e marginalizam determinados sujeitos no contexto narrativo, oferecendo um quadro robusto para a análise dos discursos e das práticas que os sustentam, conforme explicado na introdução deste artigo.

Para tanto, a vertente franco-brasileira de análise do discurso, que se apropria dos conceitos de Foucault, Pêcheux e Eni Orlandi, oferece um caminho para investigar como os discursos são moldados e atravessados por relações de poder e ideologia, especialmente, no contexto das interações familiares descritas em *Dois Irmãos* (2006). Essa abordagem permite conectar as falas e as ações dos personagens com as condições históricas, sociais e culturais que os constituem.

Michel Foucault (2014), um dos principais teóricos da análise do discurso, argumenta que o discurso não é um mero reflexo da realidade, mas sim uma construção que está profundamente enraizada em um contexto de relações de poder. Ele enfatiza que o discurso é uma prática social que molda e é moldada pelas condições de produção de sentido, ou seja, o que pode ser dito, e como isso é articulado em determinadas circunstâncias históricas. O filósofo sugere que as estruturas de poder influenciam a produção e a disseminação do conhecimento,

mostrando que o discurso descreve, constrói e transforma a realidade.

Na obra de Hatoum, a relação entre Omar e Yaqub é construída a partir dessas condições discursivas, nas quais a mãe, Zana, exerce um papel fundamental ao delimitar o que é permitido e esperado de seus filhos, favorecendo Omar em detrimento de Yaqub. O favoritismo e a exclusão que emergem dessa relação familiar são reflexos de um discurso social mais amplo que também margina e silencia as vozes e as identidades dissidentes.

Nessa esteira, Orlandi (2006), ao trabalhar com a noção de condições de produção do discurso, ressalta a importância de analisar como os discursos são condicionados por contextos históricos, sociais e culturais, e como as práticas discursivas se ligam a processos de subjetivação. A respectiva autora sublinha que o discurso não é apenas uma comunicação de ideias, mas uma prática social que carrega em si as marcas de sua produção.

Essas condições de produção, no contexto da referida obra de Hatoum, as falas e as ações dos personagens, como as atitudes de Zana, as reações de Omar e as escolhas de Yaqub, estão imersas em um campo discursivo que reflete as tensões sociais, culturais e familiares. A desigualdade que permeia as relações familiares entre os irmãos também é marcada por um discurso de exclusão que ressoa em várias esferas sociais e culturais, gerando efeitos de poder e submissão. Dessa forma, o discurso familiar, portanto, não é apenas um reflexo da relação entre os personagens, mas também um campo de disputa, onde as identidades e os valores sociais mais amplos estão em jogo.

Deste modo, a metodologia adotada, neste artigo, consiste

em fazer um levantamento de alguns recortes discursivos<sup>5</sup> no romance que evidenciam as relações de poder e os processos de silenciamento; a análise das condições de produção dos discursos, considerando os contextos históricos, sociais e culturais representados na obra, e a identificação e problematização dos regimes de verdade — entendimentos como construções discursivas que legitimam práticas de poder no âmbito familiar e social — se dá por meio do batimento entre a teoria e os recortes discursivos, conforme Orlandi (2006).

Portanto, o presente artigo se referirá esses recortes discursivos pela sigla RD, seguido de um número sequencial.

## 6 Análise discursiva

Em *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, a tensão se revela no discurso de Zana, que, constantemente, reafirma a superioridade de Omar sobre Yaquib, estabelecendo um regime de verdade familiar que reforça a exclusão e o silenciamento deste último. É válido mencionar que Zana ocupa uma posição na família como um sujeito persuasivo, ou seja, ela tem o poder de decisão na vida dos filhos, da família. Podemos dizer que é um jogo de forças dentro da esfera privada, em que as negociações entre os sujeitos mostram relações de gênero específicas.

Além disso, a prática de silenciamento, outro conceito foucaultiano, é fundamental para compreender como Yaquib é marginalizado tanto no âmbito familiar quanto no social. Utilizando a arqueogenealogia como método, busca-se analisar os

<sup>5</sup> O recorte discursivo para a Análise do Discurso refere-se à seleção de um conjunto específico de textos ou enunciados que serão analisados em um determinado contexto. Esse recorte é fundamental para a pesquisa, pois define quais aspectos do discurso serão investigados, levando em consideração as relações de poder, as ideologias presentes e as condições sociais e históricas que influenciam a produção de sentido.

discursos que sustentam esse conflito fraternal e suas condições de produção no contexto narrativo, conforme podemos constatar no [RD] abaixo.

**RD1<sup>6</sup>:** O que mais **preocupava Halim era a separação dos gêmeos**, “porque nunca se sabe como vão reagir depois...”. **Ele nunca deixou de pensar no reencontro dos filhos**, no convívio após a longa separação. (...) Aconteceu um ano antes da Segunda Guerra, quando os gêmeos completaram treze anos de idade. **Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano**. Zana relutou, e conseguiu persuadir o marido a mandar apenas **Yaqub**. Durante anos Omar foi tratado como **filho único**, o único menino (Hatoum, p.12, 2006, grifos dos autores).

No [RD] destacado, observamos que a preocupação de Halim com a separação dos gêmeos remete a uma dimensão discursiva que articula os laços familiares como espaços de afeto e conflito, permeados por decisões que moldam subjetividades. Esse efeito de sentido pode ser constatado na seguinte frase: O que mais preocupava Halim era a separação dos gêmeos, evidenciando uma angústia paternal em relação aos efeitos dessa ruptura sobre a relação fraterna e a formação identitária dos filhos. Nesse contexto, parece-nos que o enunciado aponta para uma visão de unidade familiar idealizada, que é colocada em tensão pelas escolhas feitas no desenrolar dos acontecimentos.

A expressão “Ele nunca deixou de pensar no reencontro dos filhos” reforça a ideia de que Halim projeta para o futuro uma tentativa de reparação emocional, antecipando as possíveis

---

<sup>6</sup> Neste artigo, para distinguir os recortes discursivos das citações diretas longas, optamos pela seguinte formatação nos RDs: fonte Times New Roman, tamanho 12, recuo de 4 cm à esquerda, com espaçamento simples. Já as citações diretas longas são formatadas com fonte tamanho 11.

consequências dessa separação. Aqui, o discurso se estrutura em torno de uma temporalidade marcada por expectativas e incertezas. Esse olhar constante para o reencontro revela um desejo de preservação dos vínculos, mesmo que, reconhecidamente, fragilizados pela decisão de enviar um dos filhos ao sul do Líbano.

A decisão inicial de Halim, expressa em “Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano”, reflete uma tentativa de evitar a ruptura familiar. No entanto, essa intenção é reconfigurada pela atuação de Zana, que reluta e utiliza sua agência discursiva para persuadi-lo. A resistência de Zana, enquanto posicionamento de sujeito, insere-se em um jogo de poder no espaço doméstico, em que os discursos sobre proteção, autoridade e cuidado são negociados. A persuasão de Zana, que resulta no envio de apenas Yaqub, altera significativamente as dinâmicas familiares e revela como as relações de gênero operam na tomada de decisões dentro da narrativa.

O impacto dessa escolha é explicitado na frase “Durante anos Omar foi tratado como filho único, o único menino”. Esse enunciado revela uma hierarquização discursiva no interior da família, em que Omar ocupa um lugar privilegiado, ao mesmo tempo que Yaqub é deslocado tanto física quanto simbolicamente. A experiência de Omar como “o único menino” reitera sua centralidade no núcleo familiar, enquanto Yaqub, ao ser enviado para longe, é relegado a uma posição de alteridade. Essa separação materializa, no plano simbólico, uma cisão que reorganiza as subjetividades dos gêmeos e as percepções de pertencimento dentro da família.

Nessa baila, no enredo do livro, é notável, também, o silenciamento que se manifesta de maneira profunda nas

relações entre os irmãos Yaqub e Omar, particularmente pela figura da mãe, Zana. Ela exerce um poder discursivo que legitima a centralidade de Omar, marginalizando Yaqub e tornando sua voz e seus sentimentos quase inexistentes dentro da narrativa familiar. “Não entendia por que Zana não ralhava com o caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano” (Hatoum, 2006, p. 16). O silenciamento de Yaqub é, portanto, uma estratégia que reforça um regime de verdade em que o discurso da mãe (e, por extensão, o discurso social e familiar) legitima e favorece a figura do filho “ideal”, enquanto anula as experiências e os desejos de seu irmão, relegando-o à condição de invisível.

Diante desta perspectiva, o que nos perguntamos: o que é um filho “ideal”? O que é ser “idealizado” por uma mãe? Por que a escolha de um filho em prol do outro? Quais impactos o filho “ideal” aos olhos da mãe pode carregar? Essas perguntas, embora não tenhamos o tempo necessário neste artigo para respondê-las emergem do nosso *corpus*. A literatura já aponta os impactos na subjetividade, não só dos filhos que são postos às margens do seio familiar, como também na subjetividade e no impacto emocional deles, considerado “ideal”. No livro “*Direitos Humanos: Percepções da Opinião Pública*” (2010) inclui um capítulo, escrito por Maria Rita Kehl (2010), intitulado “*Direitos humanos: a melhor tradição da modernidade*”, reflete sobre os sofrimentos psíquicos derivados de expectativas impostas e exclusões, com foco nas relações parentais e na formação da cidadania. Ela discute como a família é vista como um espaço de proteção e formação de valores, mas também aborda as contradições e os desafios que surgem quando a família é idealizada como a principal responsável pela garantia

dos direitos. Essa idealização pode resultar em um silenciamento discursivo, conforme discutido por Michel Foucault (1971), em que as vozes dos sujeitos que não se encaixam no modelo familiar tradicional são marginalizadas.

Nessa esteira, Kehl (2010) argumenta que o discurso não apenas reflete, mas também constrói realidades sociais e, ao não considerar a importância das políticas públicas e do Estado na promoção e proteção dos direitos humanos, perpetua-se uma narrativa que deslegitima as experiências de quem vive fora desse ideal. Assim, o silenciamento se torna uma ferramenta de controle social, reforçando a exclusão e a invisibilidade das realidades que “desafiam” a norma (Kehl, 2010; Foucault, 1971), como podemos observar no próximo [RD].

**RD2:** Zana se **refestelava no convívio** com o outro, levava-o para toda parte: passeios de bonde até a praça da Matriz, os bulevares, o Seringal Mirim, as chácaras da Vila Municipal; levava-o para ver os malabaristas do **Gran Circo Mexicano**, para brincar nos **bailes infantis do Rio Negro Clube**, onde aos dois anos ele foi fotografado com a fantasia de saúim-de-coleira que ela, Zana, guardou como relíquia. **Domingas ficava com Yaqub**, brincava com ele, diminuída, regredindo à **infância eu passara à margem de um rio**, longe de Manaus. Ela o levava para outros lugares: **praias formadas pela vazante**, onde entravam nos **barcos encalhados, abandonados na beira de um barranco**. Passeavam também pela cidade, indo de praça em praça até chegar à Ilha de São Vicente, onde Yaqub contemplava o Forte, **trepava nos canhões, imitava a pose das sentinelas** (Hatoum, 2006, p. 50 – 51, grifos nossos).

O [RD2] evoca o efeito de sentido de que Zana passeia com Omar por todos os lugares, principalmente os mais importantes

e apresentáveis da cidade, já Yaqub fica a cargo de Domingas, a indígena empregada, que o leva para os lugares mais naturais, afastados; os lugares que ela conhece, evidencia, discursivamente, a construção de relações de exclusão e favoritismo no âmbito familiar, marcadas por desigualdades que se manifestam no afeto, no cuidado e nas experiências vividas pelos gêmeos. Michel Foucault (1979) aponta que o poder não se exerce simplesmente de cima para baixo, mas permeia as relações sociais, moldando subjetividades e identidades, o que permite compreender como a atribuição de espaços e experiências distintos aos filhos reflete uma estrutura hierarquizante que posiciona Omar como o favorito e Yaqub como o marginalizado.

Zana demonstra um vínculo intenso com Omar, evidenciado pela expressão “refestelava no convívio”, que sugere um prazer quase indulgente em compartilhar momentos e levá-lo a lugares de sociabilidade e prestígio, como o “Gran Circo Mexicano”, “os bailes infantis do Rio Negro Clube”. A frase “levava outros lugares” reforça a visibilidade de Omar, constantemente inserido em espaços que simbolizam pertencimento e privilégio. Em contraste, Yaqub é relegado ao cuidado de Domingas, figura subalterna que, ao “ficar com Yaqub”, não apenas carrega o peso do isolamento dele, mas também reproduz sua própria posição marginalizada. Para Eni Orlandi (2015), os sentidos não são neutros; eles se constituem em meio a relações de força que produzem exclusões e inclusões, o que evidencia como o discurso de Zana atribui lugares simbólicos distintos aos filhos, perpetuando uma narrativa de desigualdade afetiva.

A descrição de Domingas como “diminuída, regredindo à infância” revela que o vínculo estabelecido entre ela e Yaqub se

dá em um contexto de precariedade e reforça a invisibilidade do garoto, restringindo suas experiências a espaços marcados pela exclusão, como as “praias formadas pela vazante” e os “barcos encalhados” na margem de um rio. Nesse contexto, Freud (1997) argumenta que o amor parental, embora se apresente como incondicional, é frequentemente atravessado por mecanismos de idealização e transferência que favorecem um sobre o outro, o que pode ser associado à escolha de Zana em privilegiar Omar como o filho idealizado, relegando Yaqub à margem do seio familiar.

A oposição entre os lugares frequentados por Omar e Yaqub é significativa: enquanto Omar ocupa espaços urbanos e elitistas, Yaqub explora lugares que remetem ao abandono e à marginalidade. A frase “trepava nos canhões, imitava a pose das sentinelas” simboliza uma tentativa de afirmação por parte de Yaqub, que busca construir sua própria identidade em meio à ausência de reconhecimento e pertencimento. Desse modo, Kehl (2010) observa que, ao operar com o ideal, o sujeito é atravessado pelas imposições culturais que silenciam e marginalizam aqueles que não se conformam ao modelo esperado, o que ilustra como Yaqub é colocado fora do ideal familiar e social.

Destarte, a dinâmica descrita nos [RD1 e RD2] evidenciam como o discurso familiar, mediado pelas relações de poder e significação, não apenas reflete desigualdades, mas também as constrói e perpetua subjetividades na família que podem ajudar no crescimento dos filhos, no crescimento familiar, ou que podem criar subjetividades nos filhos e na família de submissão, de não pertencimento, de medo de se pôr e de se impor na sociedade. Por meio da exclusão de Yaqub e da idealização de Omar, observamos a reprodução de hierarquias afetivas e sociais que

moldam as subjetividades de ambos os filhos, atribuindo-lhes lugares simbólicos distintos no seio familiar.

Em suma, a análise revela que as escolhas discursivas e práticas, ainda que aparentemente banais, carregam implicações profundas no modo como os sujeitos se reconhecem e são reconhecidos no mundo. Assim, a narrativa familiar apresentada não é apenas um retrato das relações individuais, mas também um microcosmo das estruturas de exclusão e silenciamento que permeiam as relações sociais mais amplas, reafirmando a importância de problematizar as formas pelas quais o discurso participaativamente da construção dessas desigualdades, assim como Foucault (1997) nos propõe.

## **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo problematizar as relações de poder que emergem nos discursos dos personagens do romance *Dois Irmãos* (2006), de Milton Hatoum, com foco na relação entre Zana e seus filhos gêmeos, Omar e Yaqub. A dinâmica de favorecimento de um filho em detrimento do outro reflete as complexas relações de poder dentro da família, evidenciando como as escolhas de Zana influenciam diretamente as subjetividades de Omar e Yaqub. O tratamento diferenciado entre os irmãos, com Omar sendo inserido em espaços de prestígio, e Yaqub, relegado a ambientes mais isolados, destaca as formas de silenciamento discursivo que permeiam as relações familiares. Tais escolhas não são apenas uma expressão do afeto maternal, mas, sim, práticas de poder que constroem e limitam as identidades dos filhos, criando um campo de disputa silenciosa. Esse cenário discursivo, permeado por tensões familiares, molda

as subjetividades dos personagens, evidenciando como o discurso familiar opera como um dispositivo de poder, instituindo verdades sobre quem deve ser visto, reconhecido e valorizado.

Ao explorar o tratamento desigual entre os irmãos, foi possível perceber que o discurso familiar não se limita a refletir as relações interpessoais, mas também funciona como um espaço de disputas de poder. Zana, ao privilegiar Omar em detrimento de Yaqub, reproduz e reforça as desigualdades sociais mais amplas, ao mesmo tempo em que silencia e marginaliza o filho que não se encaixa naquilo que é considerado “ideal” no contexto familiar. Esse silenciamento, que é exercido por meio de escolhas discursivas e práticas de exclusão, impacta diretamente a construção das subjetividades dos gêmeos, tornando-se um campo de negociação entre o que pode ser dito e o que deve permanecer em silêncio. Orlandi (2001) aponta o discurso é um campo de luta, em que as identidades são construídas e transformadas à medida que as vozes são ouvidas ou silenciadas.

A análise também se ressaltou, na análise, como os discursos de afeto, autoridade e gênero operam como formas de poder dentro da família, afetando a identidade e as experiências de vida dos personagens. Zana, ao privilegiar Omar e negar a mesma visibilidade e atenção a Yaqub, contribui para a construção de um sistema de controle e marginalização que reflete as tensões mais amplas da sociedade, em que as identidades e os valores sociais são negociados e perpetuados. Para Foucault (1979), o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, na medida em que cria normas e regula comportamentos. Nesse contexto, a família de *Dois Irmãos* torna-se um microcosmo das relações de poder que modelam e delimitam as possibilidades de ser e de agir.

Em síntese, o presente estudo, ao problematizar as relações de poder no contexto familiar, instigou uma reflexão importante sobre como práticas discursivas familiares podem reproduzir as desigualdades sociais, e como o silenciamento de certas vozes pode perpetuar a invisibilidade de sujeitos marginalizados. Segundo Freud (1914), as relações familiares muitas vezes funcionam como um espelho de processos mais amplos de poder, nos quais as figuras de autoridade e os padrões estabelecidos influenciam profundamente a construção do sujeito. Com isso, com base nessa análise, conclui-se que as dinâmicas de poder no ambiente familiar têm implicações profundas na formação das subjetividades e nas representações sociais mais amplas, que refletem e reforçam as normas e os valores dominantes da sociedade.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Alberto. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Ática, 2006.

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. **Direitos humanos:** percepções da opinião pública: análises de pesquisa nacional / organização Gustavo Venturi. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010. 272 ISBN 978-85-60877-09-6.

FIMYAR, Olena. **Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais**. Educação e Realidade, v. 34, n. 02, p. 35-56, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Marcos Novak. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Prefácio. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Edipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e João Bosco Bini. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (edição original francesa de 1972).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id.** Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. **Zur Einführung des Narzißmus. Jahrbuch der Psychoanalyse**, v. 6, p. 1-24, 1914.

HATOUM, Milton. **Dois irmãos.** Editora Companhia das Letras, 2006.

HATOUM, Milton. Entrevista concedida a Julio Daio Borges. **Digestivo Cultural**, [S. l.], 1 maio 2006. Disponível em: [https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton\\_Hatoum](https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=1&titulo=Milton_Hatoum). Acesso em: 29 maio 2025.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Princípios e procedimentos de análise de discurso.** 4. ed. Campinas: Pontes, 2015.

SCHWANTES, Cíntia. **Relato de um certo Oriente e a morte da mãe.** Portuguese Cultural Studies. Universidade de Brasília. 2007, p. 85-91.

SOUZA, Mariana Jantsch. **A narração como reconciliação em Dois Irmãos, de Milton Hatoum.** Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 66, p. 187-202, 1982.